

Barracos no lugar de indústrias

FRANCISCO STUCKERT

INVASÃO NO
SCIA CRESCE
A OLHOS VISTOS
E JÁ PREOCUPA
DIREÇÃO DO
SIV-SOLO

SOLANGE NUNES

A área ao lado do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA), reservada para a instalação de empresas, vem sendo, aos poucos, invadida por centenas de famílias. O lugar parece mais uma extensão da Invasão da Estrutural. Já há em torno de mil barracos, o que preocupa o chefe do Siv-Solo, Benjamim Bispo. Mesmo sem ter o número exato dos invasores e a dimensão do área ocupada, ele garante que todas as famílias serão retiradas do local.

"A área está reservada para a execução de um projeto importante para o governo, que vai trazer investimentos e gerar empregos na cidade", diz Benjamim Bispo, referindo-se ao Pró-DF, que prevê a instalação, no local, de 320 empreendimentos, entre concessionárias de automóveis e empresas da construção civil que vão propiciar a criação de 13 mil empregos diretos e indiretos.

A área invadida está sob responsabilidade do Governo do Distrito Federal (GDF), segundo o presidente da Federação das Indústrias do DF (Fibra), Lourival Dantas. Ele diz ter conhecimento das invasões, mas aguarda o posicionamento do governo sobre o assunto.

A invasão pode representar uma nova dor de cabeça para o GDF. Os moradores não parecem muito dispostos a sair da área. No momento, eles estão se organizando com o objetivo de criar uma associ-



CATADORA de lixo, Francisca mora num barraco com as duas filhas: "Não temos como pagar aluguel, vamos ficando por aqui"

ação para lutar pela legalização dos lotes.

Eles acreditam que o local que ocupam fica fora da área reservada para a instalação das empresas. "Não estamos invadindo nada", diz o pedreiro Laurindo Pinto de Barros, 27 anos, desempregado há dois anos e um dos invasores da área. Para ele, o espaço reservado para o Pró-DF termina antes do local onde estão os barracos.

Opinião parecida tem a catadora de lixo Francisca Benta, 46 anos. Há oito meses, ela montou um barra-

co de madeirite, onde passou a morar com as duas filhas, Rosinete e Rosilda. "Não tenho como pagar aluguel e vou ficando por aqui, ninguém falou que este terreno tinha dono", diz ela. Ela usa a água do reservatório de um prédio em construção no local. "Quando a empresa começar a funcionar, não sei mais o que vou fazer para conseguir água".

Marli Deufina de Assis, 28 anos, outra ocupante do local, é oriunda de uma outra invasão, a da QNG, em Taguatinga, que foi removida

pelo Siv-Solo. Ela viu o seu barraco ser destruído com serra elétrica pelos fiscais, acompanhados da polícia. "Senti raiva na hora, tentava

tirar os objetos correndo e o pau estava quebrando atrás de mim. Foi horrível", contou ela. Ela está na invasão do SCIA há dois anos.